

**INTRODUÇÃO À MACROECONOMIA.
UMA PERSPECTIVA BRASILEIRA****EDMAR BACHA**

Rio de Janeiro, Editora Campus.

Há certos livros didáticos que realizam uma síntese do pensamento econômico até o momento, e ao mesmo tempo incluem novas contribuições importantes. É o caso deste livro. Depois surge uma enorme quantidade de outros livros didáticos, que repetem com pequenas variações o paradigma inicial.

Introdução à macroeconomia. Uma perspectiva brasileira. de Edmar Bacha, é um novo paradigma. É o livro de macroeconomia que muitos economistas brasileiros, que leram Keynes e Kalecki e perceberam que era necessário adaptar o pensamento destes dois grandes economistas à realidade brasileira, planejaram escrever. Bacha conseguiu realizar a façanha e realizou-a com competência e originalidade.

O livro é composto de 13 capítulos, mas pode ser dividido em cinco partes.

Na primeira parte (capítulos 1 a 4), Bacha monta o modelo macroeconômico básico de Kalecki e Keynes: a teoria da demanda efetiva. Trabalha com um único produto e duas classes: trabalhadores e capitalistas. As variáveis fundamentais que utiliza são os salários e os lucros, o *mark-up*, a taxa de salários e a produtividade, o consumo dos trabalhadores (igual aos salários totais) e o consumo dos capitalistas, a poupança e o investimento, a demanda efetiva e o produto potencial. É uma síntese brilhante do modelo de Kalecki aplicada ao Brasil.

A segunda parte (capítulo 5) procura integrar a teoria quantitativa da moeda à teoria da demanda efetiva, ao invés de opor uma à outra. A idéia básica é que a teoria quantitativa vale no médio prazo enquanto a teoria da demanda opera no curto prazo. E a crítica mais grave que Bacha tem contra a teoria quantitativa está no fato de que os ajustes automáticos que ela prevê operam lentamente, a médio prazo, sendo pouco práticos. É certamente o capítulo teoricamente mais discutível do livro.

A terceira parte (capítulo 6) é uma competente análise da agricultura brasileira e de sua inter-relação com o modelo da demanda efetiva apresentado na primeira parte. Em termos de modelo, a agricultura brasileira é vista como sendo constituída de unidades familiares autônomas, o que permite a Bacha adicionar aos trabalhadores e aos capitalistas localizados no setor urbano-industrial um terceiro setor – a agricultura –, cujo papel irá ser fundamental na distribuição da renda (porque os preços agrícolas são decisivos para definir o salário real) e na inflação (porque a agricultura, ao contrário da indústria, é competitiva).

A quarta parte (capítulos 7 a 10) trata da inflação. Apresenta basicamente uma visão estruturalista da inflação, em oposição à visão monetarista. Política salarial, política monetária, política fiscal, relação da inflação com o crescimento e com a distribuição são os temas tratados. A inflação é, antes de mais nada, o resultado da inflação passada (persistência inflacionária), mas pode variar em função de choques de oferta, mudanças no *mark-up*, desvalorização cambial, mudança na política salarial. A análise é em geral extremamente interessante e adaptada à realidade brasileira. Não é, entretanto, nem a parte mais clara nem a mais bem acabada do livro, 1^o) porque não distingue com clareza os fatores mantenedores ou de persistência inflacionária dos fatores aceleradores ou desaceleradores e dos fatores sancionadores; 2^o) porque a maioria dos modelos parte muitas vezes da situação de equilíbrio não inflacionário, esquecendo Bacha sua própria afirmação de que “a inflação tende a ser o que ela sempre foi”; 3^o) porque utiliza de um modelo gráfico baseado em duas curvas (equilíbrio

no mercado de bens e equilíbrio no mercado monetário) excessivamente abstratas e mal relacionadas com o princípio da demanda efetiva; 4^o) porque estas curvas estabelecem uma relação direta entre inflação e crescimento, o que é muito discutível; 5^o) porque na seção 9.2 Bacha novamente se demonstra tentado pelo monetarismo.

Na última parte (capítulos 11 a 13), Bacha introduz o setor externo e apresenta com rara competência e clareza os principais problemas relacionados com o desequilíbrio externo da economia brasileira.

Em síntese, ainda que discutível, trata-se de um livro notável. Depois deste livro, a utilização dos livros-texto norte-americanos ou ingleses nos cursos de macroeconomia tornam-se no mínimo um anacronismo. Podem servir de leitura auxiliar; jamais de leitura básica.

Para alunos de graduação, o livro nem sempre é perfeitamente acessível. Em certos momentos, especialmente nos capítulos sobre a inflação, Bacha deixa-se tentar pela apresentação de modelos e mais modelos, variando as hipóteses, ao invés de fixar-se em uma ou algumas hipóteses básicas que retratem a economia brasileira. Mas um bom professor pode suprir estas falhas. O que definitivamente não faz mais sentido é insistirmos na utilização de textos estrangeiros, geralmente subordinados ao keynesianismo bastardo (ou síntese neoclássica), quando temos um texto como este à nossa disposição: uma síntese do pensamento de Keynes e Kalecki, adaptado à realidade brasileira.

É claro que o livro não é perfeito. Além das críticas anteriores, falta ao livro uma referência histórica à teoria econômica; o pensamento e as variáveis marxistas só aparecem através de Kalecki; a taxa de lucro não é devidamente analisada, limitando-se Bacha a discutir o *mark-up*. E, em relação ao *mark-up*, Bacha hesita. Ora o supõe constante, ora admite que decresça na recessão, ora lembra que pode aumentar na recessão. Os tipos de progresso técnico são esquecidos. Conceitos como o de composição técnica e composição orgânica do capital não são utilizados. Os ciclos são também inexplicavelmente esquecidos. E a divisão da economia em dois ou três setores – bens de consumo básico, bens de consumo de luxo e bens de capital – está ausente.

Mas é preciso cuidado com essas críticas. Porque criticar lembrando o que falta em um livro ou em uma tese é uma velha estratégia dos analistas medíocres, que não têm competência para fazer críticas sobre o que foi escrito. Ora, o que Bacha escreveu nesta perspectiva brasileira de macroeconomia pode merecer muitas críticas, pode ser objeto de muitas discordâncias, mas é, sem dúvida, o resultado do pensamento original, da capacidade de análise e de síntese de um dos mais notáveis economistas deste país.

Luiz Carlos Bresser Pereira